



O USO DE MATERIAIS DIDÁTICOS DECOLONIAIS DO PIBID DE GEOGRAFIA CAP-UERJ

Debora Cristina Vieira de Simas

deborasimas.uff@gmail.com¹

Felipe Souza dos Santos²

geofelipesouza@gmail.com

Jane Ferreira Dias³

janeferreiradias22@gmail.com

Vinícius Gonçalves de França Bertho⁴

viny.gfb@gmail.com

Resumo

O presente relato visa descrever o processo de construção de práticas educativas desenvolvidas pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- Pibid de Geografia do CAP-Uerj no segundo bimestre do ano de 2021 na Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016, em que se realiza o subprojeto “Saber escolar e formação docente na educação básica”. O programa tem como objetivo principal a inserção dos bolsistas de Iniciação à Docência no cotidiano das escolas públicas de educação básica, proporcionando oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas em que visa elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura. Para a elaboração dessa produção optou-se pelo estudo de caso qualitativo (ANDRÉ, 2019) que para a autora André (2019, p.3) estudo de caso tem um sentido mais abrangente “o de focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões. Valoriza-se o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade”. Assim, fez-se necessário selecionar algumas atividades realizadas entre os meses de fevereiro a julho nas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental abarcadas pelo subprojeto. Com uma abordagem acerca da Lei 10.639/2003, que busca o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2003) se fez oportuno a ramificações do Movimento Negro como o “Black Lives Matter”, o qual teve impacto mundial. Tendo em vista que as aulas foram desenvolvidas durante a pandemia da Covid-19, pensando em um formato remoto e, em geral, assíncrono, este relato de prática educativa apresenta os limites e possibilidades experienciados pelos bolsistas de Iniciação à Docência (ID) na escola básica. A pandemia dificulta a interação com os alunos de ensino básico, já que bolsistas não têm acesso concedido à plataforma sugerida pela Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (RioEduca em Casa) utilizada para as aulas síncronas, o qual acaba por precarizar a proposta do projeto.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Educação Antirracista, Ensino Remoto.

¹ Mestre em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora das redes Públicas municipais de São Gonçalo e Rio de Janeiro. Supervisora Pibid na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES).

² Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Iniciação à Docência do Pibid.

³ Licencianda em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Iniciação à Docência do Pibid.

⁴ Licenciando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista Iniciação à Docência do Pibid.



Introdução

O presente artigo objetiva descrever atividades realizadas fevereiro a julho de 2021 na Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016 (Emol) pelos Bolsistas do subprojeto de Geografia do Colégio de Aplicação da UERJ (CAp- UERJ) vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência — Pibid, programa da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC), tendo como agência de fomento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que segundo SIMAS:

nasce, portanto, como um programa de bolsa financiado pela CAPES para a melhoria da educação pública brasileira, intervindo desde a formação inicial na licenciatura, passando pela formação continuada do professor da escola pública e chegando à melhoria da qualidade da educação ao aluno, proporcionada pela conexão entre os diversos agentes que interagem no processo de construção da proposta pedagógica do programa. (SIMAS, 2018, p.3)

Desta forma, aprimora a qualidade da formação inicial e continuada de professores promovendo a integração entre educação superior e educação básica como agentes que interagem no processo de construção de conhecimento. Dada a completude na formação proposta pelo Pibid, reconhecendo a escola como espaço de formação e de conhecimento científico, os presentes autores optam por apresentar as práticas educativas desenvolvidas no primeiro semestre de 2021 para alunos do 9º ano do ensino fundamental por meio da metodologia de estudo de caso qualitativo que segundo André:

abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados. (ANDRÉ, 2019, p.97)

O estudo de caso qualitativo pode ser usado em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerar suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural. Ao adotar esta perspectiva no contexto escolar, o estudo de caso possibilita aos autores reconstruir os processos e relações que configuram a experiência escolar diária vivida no Pibid.

O Pibid da Geografia CAp - UERJ defende uma abordagem decolonial dos conhecimentos geográficos a fim de provocar novas reflexões, ou seja, um processo que contribua para uma educação crítica e humanista em Geografia. Nesta perspectiva, acolhe-se a necessidade de ampliar o olhar para os diferentes aspectos que constituem o território em que o subprojeto atua: uma



escola municipal localizada no bairro da Maré, na comunidade da Nova Holanda, na cidade do Rio de Janeiro-RJ).

Imagem 1: Localização da Escola Municipal Olimpíadas Rio 2016 no Campus Maré I



Fonte: Portal Multirio. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/8810-primeiras-escolas-do-campus-da-mare-s-30-inauguradas> . Acesso em: 11 de abril de 2021.

No entanto, com a pandemia da Covid-19, foi preciso replanejar nossas propostas e práticas para dar conta deste novo contexto. O distanciamento social fez necessária a adaptação do formato de aula, indo do presencial para o remoto, porém com tal modalidade exigiu dos bolsistas, novas estratégias de trabalho e adequação de materiais. Neste sentido, torna-se indissociável escrever sobre a atuação na escola abarcando o contexto da pandemia em virtude da compressão espaço-tempo.

Pensando no atual contexto, foi preciso oportunizar o uso de materiais baratos, acessíveis e de qualidade, comprometidos com o conhecimento geográfico, seus conceitos e categorias que promovam o conhecimento decolonial, mesmo com uma educação remota e majoritariamente assíncrona.

Justificativa e objetivo da intervenção

Na Educação Brasileira, de modo geral, e na Geografia Escolar, de modo específico, as propostas curriculares permanecem permeadas pelo colonialismo do saber. Dito isto, o subprojeto de Geografia do Pibid do CAP - UERJ adota a abordagem decolonial como uma escolha teórico-metodológica com o objetivo de contribuir para uma educação crítica e humanista em Geografia. Além disso, a crítica ao desenvolvimento e ao modelo civilizatório, a colonialidade do poder, colonialidade do ser, colonialidade do saber, a interculturalidade e a transculturalidade como ferramentas críticas e de transformação.

Assim, construímos materiais autorais que trazem tais defesas de discurso materializadas na prática educativa e cotidiana escolar, que consideram diversos saberes, diversas vozes, identidades, maneiras de ser, e novas formas de se constituir e organizar a sociedade, em diálogo



com a ciência. Reconhecendo o espaço escolar como lugar de produção de conhecimento em que as práticas educativas e o processo de ensino-aprendizagem se concretizam, levando em conta as práticas e saberes espaciais desses alunos, através das relações sociais trazidas de fora da escola e agora sistematizadas e mediadas pelos bolsistas e os professores para a construção do conhecimento decolonial.

Os materiais didáticos devem possuir objetivos definidos e promover a investigação do aluno. A partir do seu uso, pode-se desenvolver novas ideias e oferecer oportunidade ao aluno para aplicar seus conhecimentos em um outro contexto. Ao realizar a seleção de um material para a aula, deve-se atentar para o grau de envolvimento do aluno com o conteúdo a ser trabalhado (FERNANDES, 2015, p. 14).

A Geografia Escolar contemporânea tem como característica a leitura e interpretação do saber sobre o espaço geográfico em suas diferentes escalas de análises. Sendo assim, deve propiciar ao aluno a leitura e a compreensão dos conceitos da Geografia. Com a maior democratização do ensino, se faz necessário um ambiente favorável e materiais comprometidos com a construção do conhecimento cada vez mais plural. Este é um dos compromissos do Pibid de Geografia do CAP-UERJ: a construção de uma proposta curricular (mais ampla que um conjunto de conteúdos) buscando elevar a qualidade da educação pública.

Ao compreender a realidade através de diferentes ângulos do âmbito educacional da referida escola, buscou-se desenvolver atividades a partir do lugar em que se situa para compreensão do conteúdo, com a finalidade de entender as especificidades de sua localidade, que acaba por facilitar o entendimento dos alunos da escola sobre conceitos geográficos e sociais ao tratar de seu lugar de vivências e afetos.

Todavia, no atual contexto este desafio tem sido ainda maior. O que antes já era difícil, como o suporte para a organização das atividades, para a permanência e execução das tarefas tal qual já nos apontava André, antes mesmo da pandemia:

embora haja concordância sobre a inadequação dos saberes e competências docentes para dar resposta à educação presente e futura, contraditoriamente parece não haver muita preocupação com a inserção dos iniciantes na docência por parte dos governos, uma vez que “numerosos países carecem de programas sistêmicos de integração de professores principiantes.” (ANDRÉ, 2012, p. 5)



Sob essa ótica, defende-se que é indispensável a inserção de bolsistas de Iniciação à Docência (ID) no cotidiano das escolas de educação básica, algo que não foi possível plenamente devido à pandemia. Além disso, o presente subprojeto promove a articulação com o pensamento decolonial para que se desprenda de uma lógica de um único mundo possível, tal qual se apresenta na lógica da modernidade capitalista. Assim, abre-se para uma pluralidade de vozes e caminhos, ou seja, pela busca ao direito à diferença e a uma abertura para um pensamento-outra. O pensamento decolonial se constitui em uma das variadas oposições do pensamento único (MIGNOLO, 2007).

Salienta-se ainda que como defende Oliveira Jr (2001) “a preocupação com os sujeitos deve ser central no desenvolvimento de suas ações corporais e reflexivas” justamente construindo junto aos alunos as imagens acerca do lugar em que vivem e atuam para pensar as questões territoriais e agir, entendendo que indivíduos e grupos sociais criam suas próprias versões a partir do seu corpo-território⁵ em especial estes alunos de corpos periféricos e que por vezes se encontram marginalizados ou invisibilizados compondo a juventude empobrecida, global ou localmente (ROCHA, 2019), evidenciada na pandemia.

Relato das atividades realizadas

Ao longo do processo de elaboração das atividades deve-se ter em mente o papel da Geografia escolar visto que segundo Emerson et al:

“[...]dentro da Geografia que se ensina existe um pensamento que muitas vezes inviabiliza a história da população negra e sua importância na construção do Brasil. À medida que assumimos que o currículo de Geografia é disputado, também podemos assumir que as formas de ler o mundo também são disputadas no cotidiano escolar [...]” (EMERSON et al, 2020, p. 80)

Assumindo a importância de ensinar Geografia, vale destacar que se fez necessário pensar atividades assíncronas, visto o acesso limitado à internet (quando há), falta de computadores, celulares e tablets e outros aparelhos e a ausência de espaço nas casas ou mobiliário adequado (de professores, bolsistas e alunos). Esses problemas sociais diversos e a dificuldade das famílias compõem as questões que dificultaram o levantamento de dados e a análise dos mesmos e a garantia de que o ensino-aprendizagem tenha acontecido de forma plena para todo grupo abarcado.

⁵ Importante aporte teórico pensado a partir de HAESBAERT (2020), VAREA e ZARAGOCIN (2017), ANZALDÚA (2016 e 2020) e ROCHA (2019) para pensar as Geografias das resistências não eurocentradas, partindo desta menor instância territorial que é o corpo, sem limitar-se ao mesmo.



Desta forma, optou-se por elaborar materiais que partissem do contexto social e cultural que estão inseridas a comunidade escolar e elenca-se em especial algumas escolhas: a proposta decolonial, os lugares em que vivem esses alunos, os contextos sociais e como referência o currículo oficial do 9º ano do Ensino Fundamental II defendido pela equipe de Geografia da escola. Estas escolhas foram feitas a fim do maior interesse nas tarefas. Desta forma, optamos pela organização dos guias de aprendizagem com a seguinte sequência:

Título: Planejamento de tarefas de Geografia do 9º ano das turmas 1901 e 1902



GINÁSIO OLIMPIADAS RIO 2016

Planejamento de Tarefas – 9º ANO – TURMAS 1901 a 1909 - DISCIPLINA: Geografia 1º e 2º bimestre

NOME DAS PROFESSORAS RESPONSÁVEIS: Debora Simas e Milena Melo.

SEMANA	PERÍODO	CONTEÚDO
1	24/02	SEM ATIVIDADES
2	03/03	Acolhimento- Uma cidade e suas ruas
3	10/03	O continente Americano - Aspectos gerais
4	17/03	América Anglo- Saxônica
5	24/03	América Latina
-	31/03	FERIADO
6	07/04	Blocos econômicos e Mundiais de poder- Mercosul e União Europeia
7	16/04	BREXIT
8	21/04	Black Lives Matter
9	28/04	Globalização e conflitos territoriais na América- Parte- 1
10	05/05	Globalização e conflitos territoriais na América- Parte- 2
COC	07-10/05	COC
11	12/05	Revisão
12	19/05	África – apresentação geral do continente
13	26/05	A partilha da África e suas consequências
14	02/06	Afinal, o que é ser decolonial?
15	09/06	Diálogo sobre África e africanidades com os movimentos sociais
16	16/06	Pensando o continente Africano na perspectiva decolonial- Parte 1
17	23/06	Pensando o continente Africano na perspectiva decolonial- Parte 2
18	30/06	O Cais do Valongo
19	07/07	Personalidades Africanas
20	14/07	A Geografia da Maré- Parte I
COC	????	COC

Fonte: Organizado pelos autores.

Neste artigo optamos por dar ênfase às atividades a partir do dia 21/04, que teve como proposta o debate sobre o movimento BLM. Desta forma, observe a atividade a seguir:



Título: Atividades do 9º ano - semana 07

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO RIO PRETO
GINÁSIO OLÍMPIADAS RIO 2016
LACE - Laboratório Ampliado de Convivência Escolar

Geografia, 9º Ano - Semana 07 (14/03/2021) – Professora: Debora Simas XD e PIBID.

Recado ao estudante: Olá! Tudo bem? Espero que sim! Lembrem-se de usar a máscara sempre que sair de casa. A pandemia não acabou. Nos vemos em breve!

O que nós vamos aprender hoje: Aspectos históricos, culturais dos países da América Anglo-Saxônica.

O MOVIMENTO #BLACKLIVESMATTER

Imagem 1: Protesto contra a morte de George Floyd no Brooklyn, Queens, NY, USA.



Fonte: <https://domotoni.com/noticia/1452249-2020-06-o-impacto-do-black-lives-matter-na-cultura-estadunidense/>

Recentemente, por conta de diversos acontecimentos terríveis que ocorreram, principalmente nos Estados Unidos, a pauta de **movimentos sociais**, ou mais especificamente, do **movimento negro**, está em alta nas mídias e redes sociais. Aqui vamos tratar sobre uma das vertentes do Movimento negro mais recente que ganhou força no último ano: **O Black Lives Matter (BLM)**, em tradução livre para o português, **Vidas Negras Importam**. Mas afinal, de onde surgiu esse movimento? Em qual

contexto ele se apresenta, por que ele se destacou tanto no último ano?

O **BLM é um movimento ativista negro internacional que resiste e luta contra a violência policial direcionada às pessoas negras** e foi fundado em 2013 pelas estadunidenses

Patrice Cullors, Alicia Garza e Opal Tometi como uma resposta à maneira que o sistema estadunidense trata as pessoas negras há séculos, não muito diferente das outras nações no mundo. O estopim para a criação do movimento foi a absolvição do segurança George Zimmermann que, em 2013, assassinou à tiros Trayvon Martin, um adolescente negro desarmado nos Estados Unidos e a morte em 2014 dos afro-estadunidenses Michael Brown e Eric Garner, o qual levou a protestos em Ferguson e em Nova York. Além da mobilização nas redes sociais, o movimento organizou uma série de manifestações relembrando a importância da luta pelos direitos da comunidade negra.

Se o movimento havia começado como um protesto contra a violência policial contra a comunidade negra nos Estados Unidos, aos poucos ele se transformou em uma **luta internacional pelos direitos de toda a população negra**, confrontando o racismo. O movimento também ganhou força no Brasil, em que um **jovem negro é morto a cada 23 minutos**, de acordo com os dados da CPI do Senado Federal. Dentre os casos mais atuais em nosso país, estão o da menina Ágatha Félix, de 8 anos, que foi baleada dentro da kombi de sua família enquanto voltava para casa no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 2019, e do menino João Pedro, de 14 anos, que morreu na porta de sua casa em São Gonçalo, em 2020. O principal legado do Black Lives Matter é chamar a atenção para os problemas enfrentados pela comunidade negra, assim como também foi evidenciado no clipe de Childish Gambino, "This Is America".

Imagem 2: Manifestação BLM



Fonte: <https://veiga.globo.com/educacao/noticia/2020/06/segundo-pesquisa-entre-os-problemas-do-movimento-black-lives-matter-tem-casos-que-afetaram-nos-casos-da-comunidade-negra.html>

Fonte: Organizada pelos autores.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO RIO PRETO
GINÁSIO OLÍMPIADAS RIO 2016
LACE - Laboratório Ampliado de Convivência Escolar

<https://www.youtube.com/watch?v=VYQjWnS4cMY> que explodiu e ficou mundialmente famoso em 2018.



Imagem 3: menino João Pedro
Fonte: <https://www.casabril.com.br/nacional/2020/05/31/ato-revista-conferencias-em-defesa-de-vidas-negras-no-rio-de-janeiro>

As pioneiras do movimento já deixaram claro que os esforços são muito mais do que uma hashtag que circula nas redes sociais, mas uma grande força que tem cobrado posicionamento concreto da sociedade e da política acerca da questão racial e das condições de vida da população negra ao redor do mundo. Nesse sentido, é importante que a luta seja de negros e brancos para a cobrança de leis mais severas, de atitudes, de políticas antirracista e de apoio à diversidade. Leia um trecho da entrevista da professora Andreia Dequinha sobre o movimento Black Lives Matter:

Por que vidas negras importam?

Importam porque são filhos, irmãos, mães e pais. São pessoas! São vidas! São importantes porque as injustiças que enfrentam afetam, antes de tudo, as pessoas negras. Mas também a toda a nossa sociedade.

Ok, então isso significa que só as vidas negras importam?

É claro que não, todas as vidas importam. Mas quando vemos que a violência é especialmente direcionada a essa população temos, sim, que reforçar que os corpos e vidas pretas importam e não devem ser alvo de violência devido a vieses raciais. A desconstrução do racismo é tarefa urgente, de todas, idades e todos. A mudança acontece quando as pessoas estão dispostas a ouvir e compreender as lutas do próximo, deixando de lado as noções preconcebidas e buscando realmente entender, crescer e agir de acordo!

Para saber mais assista a reportagem do DW Brasil, que fala sobre a origem e história do Black Lives Matter no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=CXpvmvOvRrs>

Fonte: Atividade adaptada a partir do site: <https://artemambalunha.blogspot.com/2020/10/atividade-sobre-o-topo-black-lives.html>

Atividade

- 1) Explique o BLM.
- 2) Você acha importante ter movimentos como o BLM no Brasil? Explique.
- 3) Você conhece algum movimento que trabalhe a questão do racismo no Brasil? Qual?
- 4) Escolha uma das opções e faça: um grafite, um pequeno vídeo, uma animação, um rap, um poema, um relato, um áudio, uma entrevista, um cartaz, um panfleto que façam as pessoas pensarem sobre o "Racismo". Poste nas redes sociais e marque o instagram da escola @e.m.olimpiadasrio2016 e do @pidcapuerj. Estamos ansiosos para ver!



O desenvolvimento dessa atividade surgiu em meio ao conteúdo programático referente a aspectos históricos, culturais dos países da América Anglo-Saxônica, trazendo um viés mais específico, que seriam os movimentos populares contra a discriminação racial e pelos direitos civis da população negra, destacando os acontecimentos atuais e que tiveram forte destaque midiático em escala internacional.

Para exemplificar o debate, foi realizado exercícios com imagens relacionadas ao conteúdo, tendo como objetivo tratar sobre as vertentes do movimento negro, o BLM, em tradução livre "Vidas Negras Importam". Questionou-se o conhecimento por parte dos alunos sobre o surgimento do BLM e da importância de ter movimentos como este no Brasil, além disso, se eles conheciam algum movimento que trabalhe a questão do racismo no Brasil. Portanto, a realização dos exercícios foi pensada em torno da importância do movimento negro estadunidense, mostrando o quão importantes são as lutas antirracistas e o ensino decolonial.

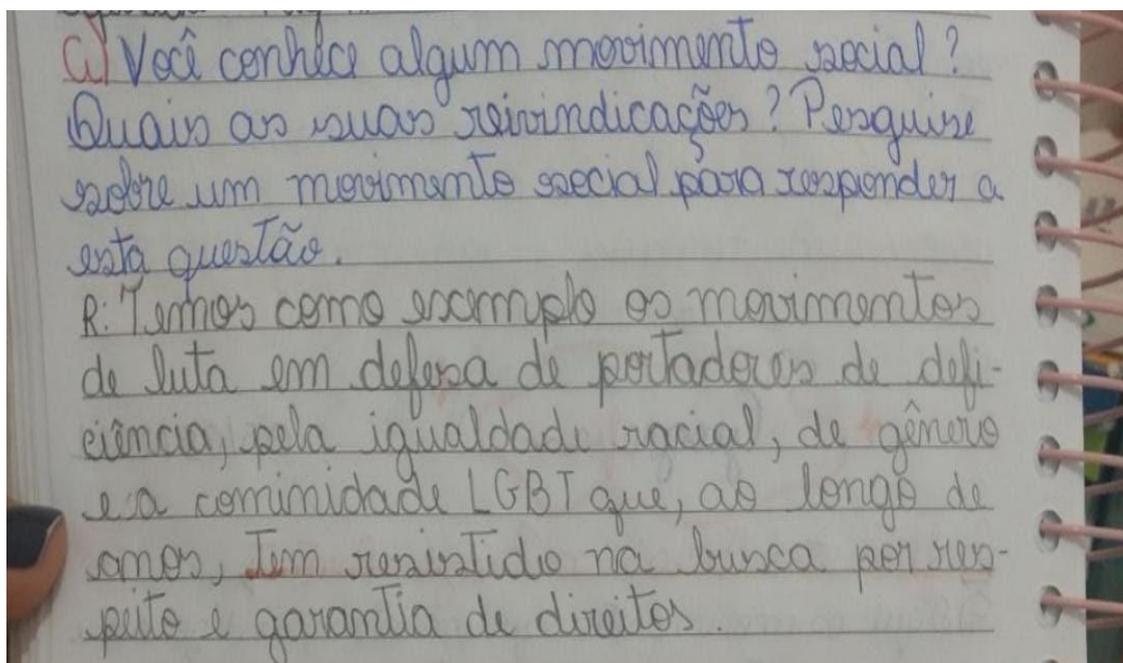
Em seguida, foi exposto o principal legado do BLM, denunciando os problemas enfrentados pela comunidade negra e disponibilizado o link do clipe "This is America", de Childish Gambino, que embasa artisticamente e visualmente as mesmas críticas. Além disso, um trecho da reportagem da



CNN que relata casos de jovens que morreram devido a um suposto confronto com policial em territórios periféricos. Com o intuito de elevar a discussão, foi usada a seguinte indagação: “Por que vidas negras importam? E isso significa que só vidas negras importam?”.

Foram obtidas dos alunos respostas como “Por que eu sou preto”, “porque isso ainda acontece diariamente na favela”. Ao longo do debate é possível perceber nos relatos que os alunos descrevem violências experienciadas em seu cotidiano, como o caso do menino Jeremias.

Título: Questões feitas pelos estudantes.



Fonte: Arquivo dos autores.

Buscando aprimorar nosso trabalho junto à comunidade escolar, o Pibid de Geografia CAp-UERJ entrou em contato com a pesquisa sobre o uso do território da Maré para produção epistemológica e didática decolonial de Luiz Lourenço (2018) e Jonatan de Jesus Gomes (2018). O bairro Maré faz parte de um conjunto composto por dezesseis favelas que possuem, cada qual, características espaciais, culturais e sociais únicas. Seu desenvolvimento se deu a partir de três marcos históricos importantes que explicam a ocupação do bairro a partir do século XVII, sendo assim, importante na nossa abordagem didática. Baseado nos dados do Censo da Maré de 2019 (REDES, 2019), o contingente populacional da Maré totaliza 140 mil pessoas. Outra aula em que foi possível ter bons debates foi a aula a seguir:



Título: Atividades do 9º ano - semana 14

PREFEITURA RIO DE JANEIRO
GINÁSIO OLIMPIADAS RIO 2016
LACE - Laboratório Ampliado de Convivência Escolar

Geografia, 9º Ano - Semana 14 (02/06/2021) – Professora: Debora Simas e Pibid

Recado ao estudante: Olá! Tudo bem? Espero que sim! Lembrem-se de usar a máscara sempre que sair de casa. A pandemia não acabou. Nos vemos em breve!

Você deverá fazer a leitura das atividades e **responder** às questões solicitadas em seu caderno. Não se esqueça de escrever a data e o assunto tratado na aula. Depois de respondido eu quero ver! Me envie uma foto através do Classroom no aplicativo Rioeduca.

O que nós vamos aprender hoje: Estudo da África e decolonialidade.

O que é ser decolonial?

Podemos afirmar que o pensar decolonial é uma forma de ensinar outras histórias e outras geografias, experimentando a produção de conhecimentos a partir de um novo olhar, na aceitação e no diálogo com saberes dos povos originários desta terra, dos explorados, dos escravizados, das minorias em geral.

Como já estudamos o Brasil foi colonizado por povos europeus, em especial os portugueses. Muitos outros povos da América, Ásia, África e Oceania, também foram colonizados por povos de origem europeia. Os colonizadores que, além das ações de exploração econômica, exploraram e destruíram os saberes e fazeres de milhares de povos. E como eles fizeram isso?

Impondo seus saberes fossem eles jurídicos, políticos, ideológicos, religiosos e culturais e desta forma iam justificando as atrocidades cometidas, desqualificando o que era próprio dos povos originários – os então declarados bárbaros, incivilizados, pagãos, incultos, no nosso caso, os indígenas. O mesmo aconteceu aos negros africanos: Os seus saberes, culturas foram considerados inferiores pelos colonizadores e por isso perseguidos.

Apesar de todas as tentativas de domínio total de corpos e mentes, sempre houve resistência.

Ainda hoje, mesmo com as independências políticas dos países, a colonização do saber ainda permanece. E como? Observe o mapa a seguir:

Observe a minha conversa com a Professora Milena:

PREFEITURA RIO DE JANEIRO
GINÁSIO OLIMPIADAS RIO 2016
LACE - Laboratório Ampliado de Convivência Escolar

Mapa 1: Mapa do Mundo de Mercator

Fonte: <https://www.gruposcolar.com/pesquisa/mapa-mundo.html>

Alé vocês podam pensar: 'Ué, é um mapa do mundo normal?'. E eu respondo 'foi o mapa que nós nos acostumamos a ver, mas ele não precisa ser assim. Observe o Mapa do chamado "mundo Invertido"

Mapa 1: Mapa do mundo de McArthur.

Fonte: <https://www.pinterest.com/58154500154895320/>

A produção acadêmica e científica acaba sendo pautada na referência dos brancos europeus, por isso chamados de "virada". Em várias partes do mundo constituíram-se grupos, trocas, debates, palestras, pesquisas, publicações sobre o que vem sendo denominado decolonial que busca romper com as colonialidades vividas pelos povos não europeus. Esta abordagem vem sendo desenvolvida principalmente por estudiosos latino-americanos.

A Geografia escolar foi e ainda é em grande parte, ensinada nos princípios do colonizador: branco, masculino, racional, cristão, heteronormativo e europeu. Mas não precisa ser. A Equipe do Geografia da nossa escola vem se esforçando para visibilizar os conhecimentos e saberes dos povos indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, ciganos, camponeses, **neleiros...**, etc, contínuo para que a Geografia da nossa escola seja mais plural, diversa e respeite a diversidade.

Além da pergunta?

Além da pergunta "O que é ser decolonial?", há outras perguntas que podem ser feitas, como: "Por que a história da América é contada da perspectiva dos brancos europeus?", "Como os povos indígenas foram tratados?", "Qual o papel da geografia na construção da identidade nacional?", "Como os povos indígenas foram tratados?", "Qual o papel da geografia na construção da identidade nacional?"

Atividades:

- 1- De acordo com o que você aprendeu, o que é ser decolonial?
- 2- Há tanto apavoramento que "Assim de todas as tentativas de domínio total de corpos e mentes, sempre houve resistência." Você consegue identificar alguma dessas resistências na história ou mesmo no presente? Cite exemplos.
- 3- Você tem alguma sugestão a dar sobre as aulas dadas até agora no 9º ano para serem decoloniais?

Referências para a aula de hoje:

BULHOES, Maria Amélia; KERN, Maria Lúcia Bastos (org.). América Latina: territorialidade e práticas antistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

Maria Lúcia Calim de Carvalho Costa. O MAPA DE MONTAGNER, World Congress on Communication and Arts, April 17-20, 2011, São Paulo, BRAZIL.

Fonte: Organizado pelos autores.

A escolha de exemplificar a decolonialidade por meio da Cartografia se deu pela marcante característica da referência territorial. Neste sentido, a cartografia decolonial opta por sua própria epistemologia, tendo como prioridade a significação cartográfica nativa, fornecendo subsídios que potencializam e visibilizam a representatividade, ou seja, ouvindo a 'voz' dos povos e comunidades tradicionais. E foi por este caminho que optou-se caminhar. Por isso, a leitura e o diálogo com Lourenço (2018) se fizeram fundamentais na construção desta abordagem por meio da cartografia social:

"[...]cartografias sociais [...] tecendo correlações entre as experiências sinestésicas do cotidiano e as demandas curriculares que são necessárias ao ensino de Geografia. Na construção da aprendizagem-ensino, os fatores geográficos locais da Maré são poderosas ferramentas pedagógicas que unem saber, vivência e ensino, numa amálgama que resulta na melhora dos entendimentos e dinâmicas socioespaciais existentes na Maré." (LOURENÇO, 2018, p.8)

A prática de uma educação decolonial é, na verdade, um combate aos pensamentos hegemônicos da modernidade (como colonialismo, racismo e capitalismo). Essas práticas, juntamente com os conhecimentos do território da Maré - repleto de cultura e de "Geografias" - apresentam aos alunos um primeiro contato com conceitos geográficos através dos conhecimentos deste espaço fazendo com que outras possibilidades surjam.



O pensamento crítico advindo principalmente de um olhar geográfico do aluno periférico é fundamental para subverter o sistema que os oprime e os impede de acessar espaços que deveriam ser para todos. Porém, com o ensino remoto emergencial aferir tais dados tornou-se também um desafio.

Com a dificuldade de acesso e interação, fica precarizado o levantamento detalhado dos resultados e das percepções da experiência pedagógica, ou seja, de que forma os alunos perceberam a contribuição do conjunto de atividades na construção de novas ideias, visto que infelizmente a interação com os alunos foi consideravelmente limitada. A educação que se defende é de caráter emancipatório, então coube aos bolsistas e docentes mediar os conhecimentos que munissem os alunos de ferramentas para tal, tendo em vista os limites e possibilidades de interação em tempos de pandemia.

Considerações finais

Destacamos que há a necessidade de revisão de forma e conteúdo no ensino de Geografia na educação básica, em especial que trate da Lei 10.639/2003, visando o ensino de “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana” (BRASIL, 2003). Por isso a equipe do Pibid Cap- Uerj tem se debruçado a aprimorar seus debates e práticas acerca deste assunto pelo viés do corpo- território.

A defesa por este “Giro Decolonial” de Mignolo (2003), pensado a partir das experiências, das margens criadas pela colonialidade na construção do mundo moderno/colonial como forma de intervenção de um novo horizonte epistemológico é fundamental para pensar o ensino de Geografia sob uma nova perspectiva.

Este artigo apresenta práticas educativas que optam por este giro e trata-se, portanto, de um convite para um aprofundamento teórico e empírico, considerando os estudos decoloniais no ensino de Geografia, propondo novos caminhos para a análise do espaço geográfico e de seus conceitos (lugar, território, paisagem, região, sociedade e natureza) na escola a partir da perspectiva decolonial.

Vale ressaltar que o Pibid não foi elaborado para ser feito remotamente, mas foi necessário que o subprojeto fosse repensado para atuar desta forma. No atual cenário de incertezas e mais limites que possibilidades, a equipe do subprojeto reposicionou sua prática a partir das



adversidades para proporcionar a melhor oportunidade de aprendizagem tanto para os alunos da escola básica quanto para nós, professores, nos diversos níveis de formação.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Marli. **O que é um estudo de caso qualitativo em educação?** Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade, v. 22, n. 40, p. 95-103, 16 out. 2019.

ANDRÉ, Marli. **Políticas e programas de apoio aos professores iniciantes no Brasil.** Cadernos de Pesquisa v.42 n.145 p.112-129 jan./abr. 2012.

ANZALDÚA, Gloria. **Bordlands/La frontera. La nueva mestiza.** Trad. Carmen Valle. Capitan Swing, Madri, 2016, 308p

BRASIL. **Lei 10.369, de janeiro de 2003.** Institui no ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

EMERSON N. DOS SANTOS, Renato; COUTINHO SANTOS, Ronald. **DESAFIOS PARA A implementação de uma educação antirracista no ensino de geografia: os conflitos na prática cotidiana de professoras(es).** Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 12, n. Ed. Especi, p. 78-108, abr. 2020. ISSN 2177-2770.

FERNANDES, Isabela Duarte. **O ensino de geografia e os fundamentos dos materiais didáticos. In: Implicações da psicologia do desenvolvimento no ensino de geografia e na organização dos materiais didáticos.** Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia — PPGG-UERJ-FFP, São Gonçalo, 2015, pp. 13-24.

GOMES, Jonatan de Jesus. **Investigando os significados do ginásio carioca na Maré: relatos de um docente(2016-2017).** Monografia de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica (CESPEB). Faculdade de Educação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

HAESBAERT, R. **Território e descolonialidade: sobre o giro (multi) territorial/de(s) colonial na América Latina.** - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense, 2021. Livro digital, PDF.

LOURENÇO, Luiz. **Cartografias da decolonialidade.** Rio de Janeiro. 2018.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política.** Cadernos de letras da UFF, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M. **Fotografias e conhecimentos do lugar onde se vive - linguagem fotográfica e atlas municipais escolares.** In: Rosângela Doin de Almeida. (Org.). Novos rumos da cartografia escolar. São Paulo: Contexto, 2011, v. p. 13-36.

REDES DA MERÉ. **Censo Populacional da Maré / Redes da Maré. – Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2019.** Rio de Janeiro, 2019.

ROCHA, A. A. da. **Corpo- território como argumento curricular de resistência.** Revista Teias v. 20 · n. 59 · out/dez de 2019.

SIMAS. Debora Cristina Vieira de. **O PIBID e a formação de professores: Uma política de valorização docente e a sua espacialização no Brasil.** Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de



Geografia; Associação dos Geógrafos Brasileiros — Seção Campinas (orgs.) Anais do 6º Encontro Regional de Ensino de Geografia: Ensinar Geografia com a diferença e com a política. Campinas: IG/Unicamp, 2018.

VAREA, S. ZAGOROCÍN, S. (Orgs). **Feminismo Y Buen Vivir: Utopías Decoloniales**. Pydlos Ediciones, Cuenca/ECUADOR, 2017. PP05-16; PP17-25, PP75-90.